

AS MARCAS DA VIDA

DIANA GOLDEN

Minhas companheiras na Equipe Americana de Esqui para Deficientes costumavam brincar comigo a respeito do tamanho dos meus seios, dizendo que minha grande deficiência não era a falta de uma perna, mas a falta de material para encher um decote. Mal sabiam o quanto isso se tornaria verdade. Neste último ano, descobri pela segunda vez na vida que tenho câncer, desta vez em ambos os seios. Fiz uma mastectomia bilateral. Quando ouvi que precisava da cirurgia, não pensei que seria um grande problema. Cheguei até a dizer, em tom de brincadeira, a minhas amigas: "Como amiga do peito, vou lhe manter a par da situação." Afinal de contas, eu havia perdido a perna em meu primeiro embate contra o câncer, quando tinha 12 anos de idade, e então fora em frente e me tornara campeã mundial de corrida de esquis. Todos nós na Equipe de Esqui para Deficientes não tínhamos uma ou outra parte do corpo. Vi que um homem em uma cadeira de rodas pode ser totalmente sexy.

Que uma mulher sem mãos pode não parecer estar perdendo nada. O conjunto não tem nada a ver com as partes que estão faltando e tudo a ver com o espírito. Ainda assim, mesmo que eu soubesse disso, fiquei surpresa ao descobrir como era difícil me adaptar às minhas novas cicatrizes.

Quando voltei à consciência, após a cirurgia, comecei a chorar e a hiperventilar. De repente, descobri que não queria enfrentar a perda de mais partes do meu corpo. Não queria fazer quimioterapia novamente. Não queria ser corajosa e forte e manter um perpétuo rosto sorridente. Não queria acordar nunca mais. Minha respiração ficou tão alterada que o anestesista me deu oxigênio e então, felizmente, colocou-me para dormir.

Quando eu estava correndo a fim de me preparar para minha competição de esqui - meu coração, pulmões e músculos da perna todos pegando fogo -, com frequência era atingida pela sensação de que não havia sobrado recursos dentro de mim para continuar. Então eu pensava nas competições que viriam - o sonho de forçar o meu potencial até onde pudesse ir, a satisfação de ultrapassar minhas próprias barreiras - e isso me fazia terminar a corrida. A mesma tenacidade que me servia nas corridas de esqui me ajudou a sobreviver em um segundo combate contra o câncer.

Depois da mastectomia, eu sabia que a única maneira de continuar seria começar a me exercitar novamente, então dirigi-me para a piscina pública. No chuveiro comunitário, peguei-me observando os seios de outras mulheres pela primeira vez em minha vida. Seios grandes e seios pequenos, flácidos ou empinados. De repente, e pela primeira vez após todos esses anos sem uma perna, senti-me extremamente autoconsciente. Não conseguia me despir.

Resolvi que era hora de confrontar a mim mesma. Naquela noite, em casa, tirei toda a roupa e olhei longamente para a mulher no espelho. Ela era andrógina. Peguei o meu rosto sem maquiagem, era o belo rosto de um

menino. Os músculos do meu ombro, braços e mãos eram poderosos e musculosos por causa das muletas. Eu não tinha seios. Ao invés disso, havia duas cicatrizes proeminentes em meu peito. Possuía uma barriga chata e sexy, uma bunda redonda e quadris bem desenvolvidos, por causa de anos de corridas de esqui. Minha perna direita terminava em outra longa cicatriz logo abaixo do joelho.

Descobri que gostava de meu corpo andrógino. Combinava com a minha personalidade: meu lado masculino agressivo que adora colocar um capacete, braçadeiras e protetor de queixo para lutar no slalom e meu lado feminino gentil que deseja ter filhos algum dia e quer colocar um lindo vestido de seda, sair para jantar com um amante e então deitar-se e ser lentamente despida por ele.

Descobri que as cicatrizes no meu peito e na minha perna eram um grande problema. Eram as marcas da minha vida.

Todos nós somos marcados pela vida. Apenas algumas dessas cicatrizes aparecem mais do que outras. Nossas cicatrizes têm importância. Elas nos dizem que vivemos, que não nos escondemos da vida. Quando vemos nossas cicatrizes claramente, podemos encontrar, como eu fiz naquele dia, nossa própria e única beleza. Na vez seguinte em que fui a piscina, tomei banho nua.